

## ESTRUTURA DOS MITOS E DAS CIVILIZAÇÕES

Liãna Salvia Trindade  
*Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e  
Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo*

Procuramos estabelecer o estudo comparativo de uma mesma temática mítica, de duas civilizações historicamente diferenciadas. Sem nos preocuparmos em atingir as semelhanças estruturais nas diferenças, nos detemos nas diversidades de abordagens cósmicas decorrentes de situações sócio-culturais divergentes.

O enfoque estruturalista e fenomenológico, procurando destacar a construção homóloga dos mitos comparados, concebe noções como estruturas ou arquétipos que expressam a unidade da personalidade humana.

Não consideramos de importância primordial para o estudo sociológico, a constatação da homogeneidade da natureza humana, mas antes, verificar "como" e "por que" diferem as respostas humanas ante os mesmos problemas apresentados. Ou seja, manter a perspectiva histórica na análise da mitologia comparada. Assim, verificar os mitos em seus aspectos estruturais, como expressão e reflexão das estruturas sociais. E, em seus aspectos estruturantes como fator de aspiração e projeção do social.

A explicação da dicotomia existente entre o universo cósmico e o social, indissociável numa primeira unidade, vivida no tempo mítico — constitui um dos temas comuns a várias culturas. Esta separação é explicada através de mitos como o da criação do universo e da unidade perdida entre o céu e a terra.

Na história do ocidente europeu, o pensamento romântico, retoma os mitos bíblicos como elementos de explicação do social em oposição ao

pensamento filosófico do século XVIII. Contrapondo-se ao universo mecanicista concebido por Newton, o romantismo cria uma nova forma de racionalidade que ao refletir sobre o irracional, recria os mitos e os transforma em ideologias.

Assim, o mito bíblico do "Paraíso Perdido" é concebido como a unidade perdida entre os homens e destes com a natureza e os deuses. O pecado dos homens teve como consequência as divisões em todos os níveis, sociais, naturais, cósmicos e a fragmentação do próprio ser humano.

O pensamento político conservador retoma o mito do "Paraíso Perdido", enquanto eficácia ideológica. Ou seja, como expressão da ruptura das relações comunitárias medievais que conduz à individualização das formas de produção capitalista.

A história humana se processa na busca constante desta unidade perdida. Segundo o conservadorismo, será encontrada em cada etapa social em seu devir histórico, que culminará na nova ordem centralizada e coletivista.

A síntese social reconstruída pela história é diversa da primordial unidade, mas traz em si, parte desta primeira tese. E, em cada nova ordem social encontra-se expressa a tendência inerente à humanidade de reconstruir sua unidade.

A perda da unidade profunda do ser humano, parcelado em diferentes "eus" pelo decurso do tempo, a procura do homem de se reencontrar como ser total, assim como de reencontrar a unidade universal, são temas de angústia e esperança do romantismo.

Este encontro consigo mesmo e com o mundo cósmico é atingido, segundo a literatura romântica, através do sonho, a êxtase, a imaginação. "Ao abandonar a vida periférica das percepções e dos acontecimentos habituais, o ser humano atinge uma concentração que lhe revela a sua essência mais pura. E, nesta camada mais profunda do seu ser, o espírito humano escapa ao isolamento de sua existência dividida e dá lugar a uma realidade mais vasta que é cósmica e divina"<sup>1</sup>.

Na literatura romântica, a poesia se torna a fórmula mágica que liberta os homens dos grilhões do tempo e permite o reencontro da unidade real entre os objetivos. O poeta reencontra na magia de sua poesia, por um instante, o absoluto cuja sede de busca atormenta toda a existência<sup>2</sup>.

Em Coleridge esta nova forma de perceber e compreender os objetos, de reuni-los numa síntese única se faz através da imaginação. "A imaginação possui a capacidade de síntese de fundir os objetos em um só, de

1 BEGUIN, Albert. *L'âme romantique et le rêve*. Paris, P. U. F. p. 350.  
2 *Id. ibidem*.

ver as partes em um todo e o todo nas partes. A oposição é uma tendência à reunião. A identidade da tese e antítese é a substância de todo o ser"<sup>3</sup>.

A busca da unidade social e humana através do sonho, da imaginação, no romantismo revela a utopia do sujeito separado do mundo dos objetos. A oposição sujeito-objeto data do período mecanicista da revolução copernicana e do *Cogito* de Descartes. Expressa as novas relações de produção, em que o homem se separa dos objetos de sua produção. Revela o término das relações medievais onde o homem ocidental conhecera a sua integração com o cosmos e com o seu universo social. E, dado esta oposição entre o sujeito e o universo toda a tentativa de reconstrução unitária se faz através de noções utópicas, de concepções transcendentais, de construções concebidas acima das relações sociais reais, ao nível da estrutura da imaginação.

As civilizações africanas, segundo Roger Bastide são civilizações centradas. Há um lugar, variável de uma etnia a outra, onde o céu e a terra estavam, um dia, unidos<sup>4</sup>.

Assim, por exemplo entre os Yorubas o centro do mundo encontra-se em Ifé, cidade sagrada, geograficamente localizada. O centro do mundo para os africanos possui uma realidade física, enquanto que para os ocidentais este centro se constitui num local espiritual, no interior do ser humano.

Entre os mitos africanos que explicam a origem do universo e a unidade perdida entre o céu e a terra, reproduzimos o seguinte, pertencente à etnia Yoruba.

Há muito tempo, o universo era um único e vasto território, dividido em dois por uma fronteira invisível. Uma única porta, guardada por um único guardião, comunicava Orum (céu) com Ayé (terra). Este guardião solitário se chamava Olorun ou Oludumare. Os Orixás aparecerão pouco após o nascimento do universo; suas funções eram múltiplas, todas elas ligadas aos homens.

Um dia, Orum se separa do território comum e se afasta de Ayé, tornando-se fisicamente desligado de Ayé, terra em que habitam os homens. Olorun e os Orixás permanecem em Orum. Embora os Orixás estejam em Orum, eles continuam a exercer as funções que lhes foram atribuídas, permanecendo como auxiliares dos homens<sup>5</sup>.

3 WILLEY, Basil. "Samuel Taylor Coleridge." In: *Nineteenth Century Studies*. London, Coleridge to Matthew Arnold, Penguin Book, 1949, p.28.

4 BASTIDE, Roger. "Religions Africaines et Structures de Civilisation". *Présence Africaine*. Paris, nº 66, p. 106, 1968.

5 Transcrição retirada principalmente de Jean Ziegler, *Les vivants et la mort*. Paris, Seuil, p. 89-90, 1975, e WANDE, Abimbola. "The Yoruba Concept of human Personality" In: *La notion de personne in Afrique noire*. Paris, Ed. C.N.R.S., 1973, p. 74.

Uma comunidade de destinos se mantém, além da separação entre as duas metades do universo; Orum e Ayé separadas e unidas numa mesma estrutura global. Na estrutura hierárquica do cosmo Yoruba se configura a unidade dos dois planos de existência. Em Orum, encontra-se, como vimos Olorum (Deus Onipotente), seguido pelos Orixás, e abaixo os ancestrais. No plano terrestre encontra-se no ápice da hierarquia social Yoruba, os Obá que ao morrerem formam em Orum, um clã a parte, o clã Oduduwa (o primeiro rei sobre a terra, o Ori de Ifé). Em Ayé são auxiliados pelos Baale, chefes da aldeia, os quais por sua vez são auxiliados pelos Agba, chefes de linhagem ou família.

A morte é vista entre os Yorubas, como um meio de transformação dos seres humanos, de um nível de existência em Ayé para o outro nível de existência em Orum. Quando um homem move-se de um plano de existência para o outro ele adquire automaticamente grande autoridade e se torna um Orixá para sua família, linhagem ou aldeia, conforme a posição social que ocupava em Ayé.

Assim, a estrutura hierárquica de autoridade é representada em seus dois planos de existência, onde a correspondência de posições sociais e cósmicas mantém a comunicação e a repetição dos universos.

A estrutura social africana constituída pelas relações sociais entre os vivos e destes com os mortos.

O culto dos mortos exteriorizado ou institucionalizado mantém o diálogo e a unidade orgânica do sagrado e profano. Os ancestrais e os Orixás (ancestrais divinizados) em suas participações constantes na vida terrena são autoridades interrogadas, veneradas, recorridas pelos homens.

A noção do ser humano fraccionado no sistema magô, significa que certas partes do corpo humano recebem sua vida de certos elementos constitutivos da ordem cósmica.

O próprio Olorum é fraccionado, ele detém o sopro da vida (Emi) que transmite ao corpo humano criado por Orisanla. A Ajala coube a fabricação dos Ori (cabeça) caráter, temperamento dos homens que segundo o mito os produziu desiguais e muitas vezes imperfeitos. Cada Ori (cabeça) na terra, possui um duplo em Orum, o (Ipori). É o (Ipori) que contém o destino da personalidade de seu possuidor. Isto é, a maneira de ser, as opções não concretizadas; as potencialidades, a essência do homem.

O Ipori de um indivíduo determina sua filiação precisa com um dado Orixá. Assim como os seus deveres e interdições sociais. A descoberta de seu Orixá se faz através do jogo de adivinhações presidida pela divindade Ifá. E, através do transe místico se estabelece a intervenção dos Orixás na vida terrena. O transe é a participação vivida do sagrado na estrutura do real, e dos homens com os mortos, os deuses e as forças cósmicas.

O transe místico, assim como o jogo de adivinhações constituem as formas simbólicas de transmissão de mensagens, o elo de ligação entre os dois mundos.

O guardião místico da fronteira entre os dois mundos simboliza as formas possíveis de mediação entre a estrutura do real e aquela do sagrado.

Quando a unidade social das estruturas africanas foi rompida pelo processo de colonização, os seus mitos se tornaram ideológicos. E, na ideologia cultural, a concepção da negritude; na ideologia sócio-econômica, a proposta do socialismo; e na ideologia política, a aspiração de nacionalismo ou panafricanismo, encontra-se a proposta, o projeto, de reestruturação de sua unidade social.

O mito deixa de ser uma narrativa para ser o produto do meio e do momento, o plano de ação, a idealização do passado e dos heróis. Restabelece-se, assim, o diálogo com os mortos.

As tradições sagradas irão proporcionar a "linguagem", a forma mediada, que permite dar um sentido ao novo e formular reações que este novo provoque. As tradições se inscrevem nas mudanças, constituindo a síntese dialética do reencontro da unidade africana.